

## A CONSTITUIÇÃO DA MULHER EM UMA CANÇÃO INTERPRETADA POR ELIS REGINA: ABORDAGEM DIALÓGICA E ESTUDOS DE GÊNERO

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>1</sup>

Rafael Marques Garcia<sup>2</sup>

Débora Helen de Oliveira<sup>3</sup>

### Resumo

O presente estudo objetivou analisar a constituição da mulher no âmbito discursivo de esfera musical, tendo como subsídios teórico-metodológicos os estudos de gênero (SCOTT, 1991; 1995; SIQUEIRA, 2008), e os postulados dialógico-discursivos de Bakhtin e o círculo (BAKHTIN, 2006 [1979]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]); VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Para tanto, delimitamos como *corpus* uma canção interpretada por Elis Regina, esta produzida no período ditatorial brasileiro: A canção *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque. Propomos, por meio do corpus delimitado, evidenciar o caráter sócio histórico da canção interpretada por Elis Regina durante o regime militar, buscando destacar a mulher tradicional, que é moldada pelos preceitos patriarcais. Inicialmente, é realizado um estudo sobre a constituição do sujeito e a abordagem dialógica do discurso. Em seguida, realiza-se uma investigação sobre a mulher enquanto sujeito histórico com base nos estudos de gênero. Na terceira seção são empreendidas as análises, em que averiguamos a construção da mulher em seus trajetos ideológico, histórico e cultural, na medida em que é problematizado o tratamento dado às mulheres sob uma perspectiva de objetificação.

**Palavras-chave:** Constituição. Dialogismo. Estudos de gênero. Mulher. Canção.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre e Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Nacional, 2016); Mestrando em Arqueologia Bíblica (Faculdade Teológica Nacional, 2017) e Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). Atua nas áreas de Língua Portuguesa e Linguística, desenvolvendo pesquisas em teorias do discurso, especificamente a perspectiva dialógica dos estudos da linguagem. É integrante do GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação).

<sup>2</sup> Doutorando em Educação Física pelo PPGEF/UFRJ. Licenciado, Bacharel e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do GECOS - Grupo de Estudos em Corpo, Esporte e Sociedade e do Laboratório de Estudos Corpo, Esporte e Sociedade, o LabCOESO. Interesse e afinidade estão voltados para as seguintes áreas: corpo, relações de gênero, sexualidades, esporte e sociedade. Diretor esportivo dos Lendários Esporte Clube, equipe poliesportiva LGBTI+ da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Mestranda em Linguística na Universidade Federal de São Carlos.

## THE CONSTITUTION OF WOMEN IN A SONG PERFORMED BY ELIS REGINA: DIALOGICAL APPROACH AND GENDER STUDIES

### Abstract

The present study aimed to analyze the constitution of women in the discursive sphere of the musical sphere, having as theoretical-methodological subsidies the gender studies (SCOTT, 1991; 1995; SIQUEIRA, 2008), and the dialogical-discursive postulates of Bakhtin and the circle (BAKHTIN, 2006 [1979]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]); VOLÓCHINOV, 2017 [1929];). For this purpose, we defined as a corpus a song interpreted by Elis Regina, produced in the Brazilian dictatorial period: The song *Mulheres de Atenas*, by Chico Buarque. We propose, by means of the delimited *corpus*, to highlight the socio-historical character of the song interpreted by Elis Regina during the military regime, seeking to highlight the traditional woman, who is shaped by patriarchal precepts. Initially, a study is carried out on the subject's constitution and the dialogical approach to discourse. Then, an investigation is carried out on women as a historical subject based on gender studies. In the third section, the analyzes are carried out, in which we investigate the construction of women in their ideological, historical and cultural trajectories, insofar as the treatment given to women from an objectification perspective is problematized.

**Keywords:** Constitution. Dialogism. Gender studies. Woman. Song.

### Introdução

Estudos contemporâneos que se debruçam sobre a importância e a constituição/representação da mulher (FONTANA, 2017) enquanto sujeito ativo na pós modernidade, nos impulsionam a averiguar suas condições sócio históricas, o que nos convoca a traçar um panorama histórico de seu acontecimento.

Assim, selecionou-se como objetivo geral analisar a constituição da mulher na canção *Mulheres de Atenas*, interpretada por Elis Regina, a partir dos embates discursivos demonstrados na materialidade linguístico-enunciativa, investigando o sujeito mulher em práticas situadas, levando em consideração as condições de produção do discurso, época em que o Brasil vivia sob o Golpe Militar, fundamentando-se na ótica da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Por

entendermos que é imprescindível o estudo da representação do sujeito mulher na época ditatorial para a compreensão de suas condições ideológicas e culturais na contemporaneidade, esta investigação centraliza olhares no regime militar brasileiro, que teve início em 1964. Nestas circunstâncias, busca-se analisar como o discurso acerca da mulher é produzido e posto em circulação e quais suas condições de produção, de acordo com o *corpus* selecionado, em que se aborda o eu-lírico feminino em condições ideológica, social e histórica (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]).

Para tanto, o percurso teórico-metodológico que embasará este estudo é o da ADD, a partir do pensamento de Bakhtin, em que são articulados campos de saber que incidem novos olhares sobre conceitos como o sujeito, a história, a memória e o político social.

A fim de potencializar nossas análises, esta pesquisa dará enfoque aos conceitos de Constituição (BAKHTIN, 2006 [1979]); Sujeito (BAKHTIN, 2006 [1979]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]); sujeito histórico (TARINI, 2018), os quais nos impulsionam a adentrar em novos atravessamentos discursivos sobre o objeto de análise, que trata de revelar a flexibilidade que existe nas interpretações atribuídas aos objetos.

Nosso *corpus* é composto por uma canção interpretada por Elis Regina nas décadas de 1960 e 1970, *Mulheres de Atenas*, composta por Chico Buarque. Em tal canção, a mulher representada enquanto sujeito social é construída em meio a um cenário demarcadamente patriarcal, sendo esta projetada como um ser moldado pelo sistema vigente. No gênero em questão, procura-se destacar as condições de produção do discurso acerca da mulher submissa, em que a voz autoral, além de ocupar uma posição crítica e resistente, marca posicionamentos axiológicos e político-sociais contra o sistema hegemônico. A escolha da canção deu-se de forma cautelosa, de modo que a seleção ocorreu pelas críticas veladas em um cenário produtor de silenciamento. Convoca-se a mulher para refletir sobre seus papéis sociais, quando para que esta anule a busca de uma libertação de certas amarras onde tudo que é correto favorece ao masculino em detrimento do feminino.

Justifica-se este trabalho por apresentar a busca da reconstrução histórico-filosófica (BAKHTIN, 2006 [1979]) dos vários discursos acerca do sujeito mulher e lançar a observação dos movimentos discursivos a partir dos quais se constitui a mulher em determinada época e sociedade. Nessa direcionalidade, busca-se compreender os mecanismos linguístico-discursivos que integram a canção, assim como averiguar os fatores ideológicos e dialógicos presentes na materialidade discursiva. Sendo assim, a canção escolhida e interpretada por Elis Regina permite associar as condições históricas e ideológicas em que o discurso foi produzido e assim explorar os heterodiscursos<sup>4</sup> (BAKHTIN, 2015) a fim de entender a constituição do sujeito que se relaciona.

Importa mencionar que não somos pioneiros a tratar deste assunto, mas recorreremos a vozes que já foram lançadas na corrente deste *specificum* (RUFINO, 2006; OLIVEIRA, 2014; PARANHOS, 2018) para potencializar nossos dizeres. No intuito de nos inserirmos neste campo epistemológico, pretendemos analisar e trazer para novas possibilidades de estudo reflexos constitutivos da mulher na canção supramencionada, no período referido, acarretando uma busca à história da mulher desde os princípios de que se tem relato, perpassando pelos discursos da igreja, do discurso midiático na difusão de ideias de beleza e comportamento, da política ideológica na ditadura militar e do pensamento referente a cada época, e também do discurso do homem acerca da mulher (BARBOSA, 2004).

---

<sup>4</sup> Isso não significa que utilizaremos a categoria heterodiscurso em nossas análises, mas apenas que são utilizados mecanismos linguístico-discursivos e heterodiscursivos, que, conforme Bakhtin, consistem em discursos povoados por vozes alheias, por acentos, por marcas outras. Na ótica de Santana (2017, p. 238), “Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação)”. Ainda em conformidade com o pensamento de Bakhtin, Santana (2017) compreende que “O heterodiscurso consiste na ampliação e no aprofundamento dos enunciados para além da estrutura e da funcionalidade. Seu acontecimento pleno se dá na concretude do dialogismo, em que as construções enunciativas são situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s)” 2017, p. 239).

A canção *Mulheres de Atenas* aborda estereótipos femininos enraizados numa sucessão de discursos que refletem a dicotomia da mulher virtuosa, nos quais aborda-se o padrão básico feminino da domesticidade, dependência do papel masculino, da sexualização, do padrão de beleza, da passividade e submissão, e a mulher na qual contraria sua natureza subserviente e rompe com os papéis de gênero que eram tradicionalmente impostos às mulheres, a quem não se situa em posição de subordinação em relação ao homem.

Inicialmente, é realizado um estudo sobre a constituição do sujeito e a abordagem dialógica do discurso. Em seguida, realiza-se uma investigação sobre a mulher enquanto sujeito histórico com base nos estudos de gênero. Na terceira seção são empreendidas as análises, em que averiguamos a construção desse sujeito mulher em seus trajetos ideológico, histórico e cultural, na medida em que é problematizado o tratamento do discurso dado às mulheres sob uma perspectiva de objetificação.

### **1. Constituição do sujeito e abordagem dialógica do discurso**

A constituição de sujeito (s) afigura-se, na contemporaneidade brasileira, como o *continuum* de estudos outrora desenvolvidos e empreendidos na Rússia, entre as décadas de 1920 e 1930, por Mikhail Bakhtin (1895-1975). Filósofo russo, dentre diversos autores/pensadores que atentaram para processos de constituição - relações entre o eu e o outro -, destaca-se Bakhtin como “o pensador mais impressionantemente produtivo nas Ciências Humanas a emergir na Rússia soviética e um dos mais significativos teóricos da literatura no século XX” (RENFREW, 2017, p. 13) e tem influenciado “a narratologia (SCHOLZ, 2003, p. 160-165), a teoria da recepção (COLLINGTON, 2006, p. 91-98)”, assim como a Crítica literária, a Teologia, a Filosofia, a Linguística e áreas afins (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 16).

Sob as lentes da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), a constituição do sujeito (SOBRAL, 2009; SANTANA, 2019) se concretiza em um processo de intersubjetividade, ou seja, eu sou constituído a partir do Outro do discurso (ou da enunciação). Entende-se, portanto, que nunca um sujeito pode

ser constituindo por si mesmo, mas uns são circunscritos a partir dos outros, e o ser é engendrado como elemento essencial para a existência. Tanto Bakhtin (2006 [1979]) quanto Volóchinov (2017 [1929]) propõe, filosoficamente e sociologicamente, a discursivização da natureza ideológica da linguagem, destacando-se a imprescindibilidade de serem considerados fatores socioculturais, responsáveis pela organização da vida em sociedade<sup>5</sup>.

Portanto, a abordagem dialógica do discurso amplia as reflexões sobre os sujeitos e seus enunciados, não apenas no sentido de refletirem o mundo, mas refratam-no a partir do instante em que tomamos posições axiológicas (BAKHTIN, 2006 [1979]). Em texto intitulado *Metodologia das Ciências Humanas*, assevera o filósofo russo que

Se transformarmos o diálogo em um texto contínuo, isto é, se apagarmos as divisões das vozes (a alternância dos sujeitos falantes) – o que é extremamente possível (a dialética monológica de Hegel) – o sentido profundo (infinito) desaparecerá (bateremos contra o fundo, poremos um ponto morto) (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 401)

As asserções supranarradas implicam na necessidade primordial do diálogo e das interrelações eu-outro para o processo de constituição do sujeito. Nesse horizonte de interpretação, os sujeitos são engendrados por meio de práticas sociais de grupos humanos em que assumem diferentes modos de construir sentidos, essencialmente, revestidos de criações ideológicas (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]; FARACO, 2003).

Fundamentos filosóficos da alteridade e da constitutibilidade do sujeito ganham corporificação na *filosofia do diálogo* ou da relação, de Martin Buber<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Torna-se pertinente mencionar as considerações feitas por Santana, Leal e Almeida, para quem “essa perspectiva filosófica de sujeito, sob bojo de Volóchinov, “pode ser vista sob três perspectivas, a saber: a primeira diz respeito a sua vinculação à linha marxiana do pensamento filosófico, que trata das relações entre as estratificações sociais – as superestruturas – e os enunciados que estão na ordem do discurso, manifestando, para tanto, o que é possível (ou não) enunciar no âmbito dessas estratificações” (2019, p. 02).

<sup>6</sup> Santana (2019) afirma que um dos principais sujeitos atuantes nas produções filosóficas acerca do diálogo como imprescindível às relações humanas foi o austríaco Martin Buber. Este fora referenciado por Todorov (1981) como um dos pilares a influenciar o pensamento de Bakhtin sobre dialogismo. Dentre suas obras, a principal, *Ich und du*, publicada em 1923, foi traduzida no Brasil em 1977 (Editora Moraes), nomeada “Eu e tu”.

Ao atribuir à palavra a capacidade constitutiva de ser dialógica, o filósofo austríaco pavimenta a relação entre sujeitos e afirma que a vida se concretiza na interação. A outridade ou outrificação como processo de constituição é notada por Buber (2006) como fruto da relação dialógica:

[...] quando o homem diz. Eu, ele quer dizer um dos dois. O Eu ao qual se refere está presente quando ele diz Eu. Do mesmo modo quando ele profere. Tu ou isso, o Eu de uma ou outra palavra princípio está presente. Ser Eu, ou proferir a palavra. Eu são uma só e mesma coisa. Proferir Eu ou proferir uma das palavras-princípio são uma ou a mesma coisa. Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece. (BUBER; 2006 [1982], p.43, grifos do autor).

No que asperge ao fenômeno da responsabilização, compreender a constituição do sujeito na perspectiva de Bakhtin e o Círculo torna-se essencial, pois indivíduo é configurado como um *Ser-Evento* dotado de singularidade (sua insubstituíbilidade) no mundo por meio da linguagem. A noção de Ser-evento, faz referência ao ser humano que se constitui subjetivamente e responsabilmente, sem que fuja de seus deveres enquanto ser ético-ativo, no diálogo vivo entre consciências.

De acordo com o princípio dialógico postulado pelo Círculo, os homens, ao assumirem a posição ética perante o mundo – tanto o eu quanto o outro do discurso – não se constituem como entes nem seres individuais, mas sobretudo como sujeitos moldados por constantes relações alteritárias, conforme Bakhtin (2015, p. 292-293): “somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “homem no homem” para os outros ou para si mesmo [...] ser significa comunicar-se pelo diálogo”.

Especificamente no que concerne às inter-relações alteritárias, sustentamos nossos dizeres na obra *Para uma filosofia do Ato* (BAKHTIN, 2010 [1920-24]). Ao priorizar o aspecto social da fala, via intersubjetividade e, Bakhtin acentua a importância da interação verbal (BAKHTIN, 2006 [1979] ou discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Assim, indivíduos são constituídos como sujeitos nas condições reais da enunciação, consistindo, esta, no produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Foi

assim que o filósofo soviético formulou que, sob vias do tempo-espaço, “A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (o diálogo de *indivíduos*)”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 401).

Respaldados nesse pensamento, compreendemos o sujeito como o produto-processo da comunicação interativa, em que o *eu* é constituído alteritariamente, na imagem que o outro faz deste eu. Nessas vias semânticas, o outro se constitui sujeito ao se projetar em mim, e sou constituído pelo outro, essa comunicação que potencializa a existência de multiplicidades do eu (SANTANA, 2019).

## 2. A mulher enquanto sujeito histórico com base nos estudos de gênero

Estudar o sujeito mulher contribui para as pesquisas atuais no campo de estudos da linguagem, uma vez que as mulheres foram marginalizadas, silenciadas e confinadas ao longo dos séculos (TARINI, 2018). Esta pesquisa possibilitará reflexões acerca da temática do sujeito mulher, a fim de perceber seus discursos e representações materializadas no *corpus*, que são ressignificadas de forma diferente pelas diversas posições-sujeito social, histórico e político, também a descrição, compreensão dos fatores ideológicos e linguísticos presentes nesta materialidade discursiva.

As interpretações das canções de Elis Regina configuram-se como cenário de discursos múltiplos e interlocutores diferentes, abrangendo mulheres que se apresentam por meio das canções suas peculiaridades compartilhadas em espaços distintos. Para Orlandi (2005, p. 26), o sentido dos discursos entendidos na música possibilita compreender como as interpretações ocorrem, ou seja “[...] como um sujeito simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.

Historicamente, o que temos estabelecido e consolidado no panorama mundial é uma visão a partir do sujeito mais dominante de poder nas relações sociais às quais se estabeleceram ao longo dos anos. O colonizador europeu, do sexo masculino, branco, heterossexual, cristão, classe média/alta e letrado

constitui o “ser universal” e é a partir deste que os saberes historiográficos puderam ser elaborados, transmitidos e revividos ao longo não apenas de anos, mas de séculos.

Neste sentido, o processo de produção das relações de gênero vem intrinsecamente acompanhado às relações de poder, conforme pondera Scott (1995) ao discorrer sobre a analítica da categoria de gênero. Antes de mais nada, esse classificador é uma das primeiras e principais formas de estabelecer e manter o intercurso das relações de poder entre as pessoas. Neste simbolismo, o homem ganha contornos públicos, de provedor, forte e temeroso, enquanto às mulheres, restam-lhes sempre o espaço privado, papel de submissão, delicadeza e tarefas do lar.

A submissão feminina, entretanto, faz parte de um projeto social patriarcal que coloca sempre as mulheres em segundo plano, enaltecendo a figura masculina e os grandes feitos de homens pela história. Das maiores personalidades históricas de nosso mundo (HART, 2011), é possível que muitos/as saibam quem sejam [Leonardo da Vinci](#), [Mahatma Gandhi](#), [Tomás de Aquino](#), [Maomé](#), [Isaac Newton](#), [Jesus de Nazaré](#), [Confúcio](#), [Paulo de Tarso](#), [Cristóvão Colombo](#), [Albert Einstein](#), [Louis Pasteur](#), [Galileu Galilei](#), [Charles Darwin](#), [Martinho Lutero](#), [Karl Marx](#), [Napoleão Bonaparte](#), [Adolf Hitler](#), [Jean-Jacques Rousseau](#), [Homero](#), entre outros. O mesmo poderia ser dito de Nefertiti, Hipácia de Alexandria, Leonor da Aquitânia, Joana D´Arc, Catarina de Médici, Elisabeth I, Émilie du Châtelet, Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta, [Anita Garibaldi](#), Maria Quitéria, Princesa Isabel, [Rainha Vitória](#), [Margareth Thatcher](#)?

Questionar a história, o narrador e como ela é contada é fundamental para se observar o contexto e o tipo de representação que se está fazendo, ou deixando de fazer, de determina gravura, identidade, vida, etc. Por ser um processo multifatorial, este fenômeno transcende a categoria de gênero e abarca também outras características, como de raça, classe, etnia. A partir daí, podemos analisar melhor o quanto a história tradicional, isto é, aquela universal e onipresente em múltiplos cenários, traduz-se a partir da *colonialidade*, narrativas que se consolidam como hegemônicas e que carregam traços de

opressão, silenciamento e apagamento sociopolítico e cultural das histórias de países escravizados (QUIJANO, 2005), que se perpetuam com expressões de sexismo, por exemplo, que por vezes atingem o grupo de mulheres.

Conforme aponta Rago (1998), os enunciados históricos se reproduzem de maneira constante pelas culturas e sociedades, porém ao nos atentarmos para a ponderação de Quijano (2005), é possível dirimir que os fatos da humanidade, bem como seus grandes acontecimentos e eventos registrados sempre foram esquematizados conforme o interesse do ser universal. A interpretação do olhar supremo deste ser, nesse jogo simbólico de poder, é que direciona as linhas da história clássica. Assim, não é difícil conceber que a manutenção de um cenário de mulheres protagonistas, ou qualquer outra categorização não-universal, nunca foi permitida, o que leva Auad (2003) a ponderar que em termos de cidadania, nunca se existiu uma cidadania feminina, isto é, criada e possibilitada a partir de um olhar das mulheres, sendo este muitas vezes o foco central das discussões feministas tão em voga atualmente.

Com base nesses preceitos é que nos apoiamos em Scott (1991; 1994; 1995) para depreender que a história das mulheres possui uma potente força política e crítica que estremece as estruturas basilares das disciplinas estabelecidas ao longo da história ao problematizar a importância dada à história do ser universal, em oposição à história das outras possíveis classificações que foram apagadas ou silenciadas para que apenas a primeira pudesse se sustentar e manter. Assim, “[...] desafia a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto desta ciência – o Homem Universal” (SIQUEIRA, 2008, p. 113).

Atentos à Auad (2003), percebemos o quanto falar de uma história das mulheres seja um desafio e, ao mesmo tempo, uma tarefa instigadora, pois a partir daí podemos ampliar nosso leque de conhecimento e informações sobre inúmeros outros olhares que não apenas aquele dominante, conforme pontua Quijano (2005). Assim, Scott (1994) subsidia a ideia de que a história das

mulheres faz parte de uma política de sistema de gênero que envolve as relações de poder e é por essa particularidade que, quando vemos mulheres retratadas ao longo da linha cronológica de nossos eventos históricos, podemos perceber uma subalternização, erotização, sensualização e/ou desejo de consumo daquele corpo feminino pelos apetites heterossexuais daquele que a está retratando: o ser universal, em síntese, o homem.

Assim sendo, tornou-se comum e banalmente natural que essa maneira de retratar a mulher e o corpo feminino seja sempre através desse processo de inferiorização, objetificação e/ou consumo nas diversas formas de retratação: das artes, às músicas, aos filmes, aos livros, em suma, “O corpo da mulher fica separado de seu caráter e de sua inteligência, tornando-se ela apenas um objeto sexual” (RIBEIRO, 2006, p. 82). Desta forma, molda e mantém as hierarquias de gênero, legitimando desigualdades e diferenças notórias entre masculino e feminino e impedindo que mulheres se representem socialmente equiparadas aos homens em sociedades de livres e direitos iguais.

### **3. *Mulheres de Atenas* em reacentuação: a constituição da mulher**

A fim de analisar as várias vozes presentes no discurso sobre/da mulher, foi utilizado o conceito de dialogismo (BAKHTIN, 2006 [1979]), no qual o discurso é considerado heterogêneo porque integra em seu interior diversas posições-sujeito, sendo este discurso moldado por enunciados anteriores e compostos por elementos de outros enunciados. Para Medviédev, (2016 [1928]), o sujeito discursivo assume uma posição frente a outros, sendo o lugar que o sujeito ocupa que o coloca como sujeito de sua fala.

Para analisar um discurso, deve-se levar em consideração o contexto histórico da época em que o corpus selecionado para esta pesquisa foi interpretado, pois é preciso destacar a materialidade do discurso através da língua e da história.

Eis a canção a ser analisada, *Mulheres de Atenas*:

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas  
Quando amadas, se perfumam  
Se banham com leite, se arrumam  
Suas melenas  
Quando fustigadas não choram  
Se ajoelham, pedem, imploram  
Mais duras penas  
Cadenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas  
Quando Ellis embarcam, soldados  
Elas tecem longos bordados  
Mil quarentenas  
E quando Ellis voltam sedentos  
Querem arrancar violentos  
Carícias plenas  
Obscenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de Atenas  
Quando Ellis se entopem de vinho  
Costumam buscar o carinho  
De outras falenas  
Mas no fim da noite, aos pedaços  
Quase sempre voltam pros braços  
De suas pequenas  
Helenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas  
Elas não têm gosto ou vontade  
Nem defeito nem qualidade  
Têm medo apenas  
Não têm sonhos, só têm presságios  
O seu homem, mares, naufrágios  
Lindas sirenas  
Morenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas  
As jovens viúvas marcadas  
E as gestantes abandonadas  
Não fazem cenas  
Vestem-se de negro, se encolhem  
Se conformam e se recolhem*

*Às suas novenas  
Serenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas* (Chico Buarque).

No processo enunciativo da canção *Mulheres de Atenas*, por Elis Regina, propõe-se que as mulheres atenienses sejam o exemplo para as demais mulheres devido às suas atitudes para com seus maridos. Essa assertiva fica clara logo no primeiro trecho, que se repete em toda estrofe: *Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas*. Conforme se discorre na canção, as mulheres de Atenas vivem para seus maridos e, quando amadas, se embelezam, perfumam e arrumam vistosamente.

Cronotopicamente, ou seja, reportando-se às condições espaço-temporais (BAKHTIN, 2015) de produção da canção, em regime militar, compreende-se que há uma série de críticas sendo realizadas, em que a voz enunciativa está se posicionando axiologicamente ao explicar uma sociedade patriarcal em que a mulher não tinha voz nem direitos, além de terem seus desejos anulados.

*Viver para seus maridos*, por tal discurso, seria estar a serviço do apetite sexual do homem da casa, além de submeter-se aos endeusamentos que as mulheres atenienses, tão charmosa e sabiamente, se subjugavam na Grécia Antiga.

Quando seus homens embarcam à guerra, elas choram afoitas; porém quando retornam, “sedentos”, arrancam-lhes violentas carícias e beijos, até de forma obscena. A alusão ao ato sexual consumado, ou a um roteiro a ser seguido, explicita que as mulheres ficam por um longo período (“mil quarentenas”) aguardando pelo revigorante retorno de seu marido (que poderia ser traduzido a um pênis, conforme insinua a canção, já que tudo se traduz, finalmente, ao ato sexual consumado).

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas*, que suportam traições e embriaguez de seus maridos, e quando estes voltam, elas sempre estão lá para eles, as “Helenas”, naturalizando assim o apetite voraz e consumível que todo e qualquer homem tem/deve ter, logo, normalizando a traição em relações

monogâmicas (desde que seja da parte masculina; à mulher, resta-lhe, nesse jogo da submissão, a aceitação das características inexoráveis de seu bravo, valente e pulsante macho grego).

Adiante, reforça-se a ideia da geração da prole, masculina, perfeita que, historicamente, criou no imaginário social (atrelado às representações artísticas gregas) a ideia de que os corpos gregos eram impecavelmente belos e simetricamente perfeitos, daí a expressão “deus grego” para se referir a um homem que atende aos padrões de beleza estabelecidos para as sociedades e/ou culturais ocidentais. E, também, que “não têm gosto ou vontade, nem defeito nem qualidade”, fazendo uma alusão ao mito da figura do herói, tão valorizada na cultura grega e nesse jogo representativo simbólico atual.

Por fim, retrata-se o luto da mulher ateniense que teme ser abandonada, tornar-se viúva ou perder seus amantes maridos gregos que, nesta jogatina de gênero, representa a sorte triste de toda mulher que pela vida não conseguiu manter até o fim de sua jornada uma figura masculina ao seu lado através de uma relação afetivo-amorosa: “Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas”.

A canção retratada faz alusão à uma visão tradicional que se tem da mulher ateniense, “[...] a da reclusão doméstica: elas devem ficar em casa, restritas ao gineceu, como boas esposas, cuidando do lar e gerando filhos” (BERQUÓ, 2014, p. 1986). O gineceu fazia parte do conjunto de tarefas organizacionais esquematizadas na polis, sendo o conjunto de atividades privadas que as mulheres eram destinadas a realizar. A ideia de uma oposição entre as qualificações e atributos masculinos *versus* femininos, entendendo-os enquanto raças separadas, foi muito cultuada por poetas, historiadores, filósofos e oradores (BERQUÓ, 2014).

Neste contexto, Berquó (2014, p. 1990) discorre sobre os diferentes estatutos que eram atribuídos às mulheres de Atenas para além da visão tradicional, sendo as “[...] cidadãs (*mélissai*), concubinas (*pallakai*), metecas, cortesãs (*hetairai*), prostitutas (*pornai*) e escravas”. Interessa-nos dizer que na

canção apenas se retrata as *Mélistai*, que tinham como modelo de comportamento a representação da mulher-abelha de Semônides de Amorgos.

Perceba-se que a remissão a aspectos históricos é constante para compreensão do processo de constituição da mulher, diante de seu(s) outro(s). Caso o isolássemos de sua realidade sócio-histórica, e tentássemos compreendê-lo segregado de seus reflexos ideológicos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), focalizando em seus aspectos morfossintáticos ou técnicos, estaremos diante de um objeto-coisa morto (BAKHTIN, 2006 [1979]). Nas lentes de Medviédev,

O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o caminho da existência socioeconômica e natural. O meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo... (2016 [1928], p. 56-57).

O poeta compara a figura da mulher, bem como sua natureza, a vários animais, tais como porca, cadela, raposa, mula, égua, macaca e abelha, descrevendo aspectos bons e ruins a cada uma delas. A mais valorada era a “bem nascida”, representada a partir da abelha, que tinha um sistema de vida puro, da boa esposa (LESSA, 2010), “[...] o que as colocava como a categoria mais importante entre os diversos estatutos femininos existentes na Atenas clássica” (BERQUÓ, 2014, p. 1990). Nessa direcionalidade argumentativa, o processo de interpretação ativa e constituição do sujeito (posto que o próprio sujeito pode ser delimitado como objeto interpretativo),

[...] estabelece uma série de inter-relações complexas, consonantes e heterossonantes como o objeto da interpretação, enriquece-o com novos elementos. É exatamente essa interpretação que o falante leva em conta. Por isso sua diretriz centrada no ouvinte é uma diretriz centrada num horizonte especial, no universo especial do ouvinte, insere elementos absolutamente novos em seu discurso; porque aí ocorre uma interação de diferentes contextos, de diferentes pontos de vista, de diferentes horizontes, de diferentes sistemas expressivoacentuais, de diferentes “línguas” sociais (BAKHTIN, 2015, p. 55).

Não há a retratação dos papéis da concubina – mulher que “vivia regularmente com um homem, sem a celebração dos ritos do casamento” (BERQUÓ, 2014, p. 1997); das *metecas* – estrangeiras que viviam em Atenas sem direitos políticos, além de ter de pagar uma taxa para poder residir na polis, o que frequentemente as levava a trabalhar em oficinas ou como artesãs; das cortesãs – mulheres treinadas em canto, dança ou música e que agraciavam simpósios e banquetes de cidadãos; às prostitutas ou escravas (BERQUÓ, 2014).

O que se pode perceber é que a canção reacentua a visão tradicional da mulher de Atenas, além de confeccionar uma postura contrária à cristalização dos preceitos das relações de gênero subalternizantes entre homens e mulheres, ao recomendar, ironicamente, que as mulheres sejam como a figura feminina descrita pela música, que, como já mencionado, alude apenas ao modelo da mulher-abelha, ou seja, a bela esposa e dona do lar. Aliado à matriz patriarcal vigente, arriscamos dizer que a produção discursiva configura como uma severa crítica às imposições ideológicas hegemônicas no regime militar. Há uma posição adversa, por parte da voz enunciativa, que protesta contra a normalização e enquadramento das mulheres nesse sistema em que estas eram constituídas por seus maridos como: boa esposa, boa mãe e boa dona de casa, mantenedora do serviço sexual<sup>7</sup>.

### Considerações finais

Com o presente estudo, tivemos a pretensão de analisar a constituição da mulher no âmbito discursivo de esfera musical, ao delimitarmos como subsídios teórico-metodológicos os estudos de gênero (SCOTT, 1991; 1995; SIQUEIRA, 2008), e os postulados dialógico-discursivos de Bakhtin (2006 [1979]), Medviédev, (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]).

---

<sup>7</sup> Gostaríamos de esclarecer que nossa crítica não se endereça às mulheres caseiras, às donas de casa, às casadas, nem às mantenedoras de seu lar, uma vez que a própria legislação brasileira (BRASIL, 1988) propõe o respeito a todos, .

Para tanto, delimitamos como *corpus* uma canção interpretada por Elis Regina, esta produzida no período ditatorial brasileiro: A canção *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque. Foi possível evidenciar o caráter sóciohistórico da canção, em que foi destacada a mulher enquanto sujeito histórico com base nos estudos de gênero.

Os movimentos de linguagem aqui empreendidos, em perspectiva dialógica e por meio dos estudos de gênero, vêm contribuindo significativamente para os estudos dos sujeitos sociais, e especificamente o que diz respeito à constituição do sujeito. Desse modo, esperamos que pesquisadores se sintam impulsionados a lançarem olhares críticos sobre os enunciados em perspectiva dialógico-discursiva, na delimitação de seus objetos de estudo.

## Referências

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002-2003.

BAKHTIN, Mikhail M. O autor e o herói. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010 [1920-1924].

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I. A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. [1934-1935].

BARBOSA, Pecho (Orgs), *M. Foucault e os Domínios da Linguagem – Discurso, Poder, Subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

BEMONG, Nele, et al. *Bakhtin e o Cronotopo – reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução: Oziris Borges Filho, et.al. São Paulo: Parábola, 2015.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. Entre as heroínas e o silêncio: a condição feminina na Atenas Clássica. *Oficina do Historiador*, Suplemento Especial - I Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS (EPHIS), p. 1984-2005, 2014.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Perspectiva, 2006 [1982].

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FONTANA, Monica. *Mulheres em Discurso: Gênero, Linguagem e Ideologia*. Vol 1. Campinas: Pontes Editores, 2017.

HART, Michael H. *As 100 maiores personalidades da história*. 14ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

LESSA, Fabio de Souza. *Mulheres de Atenas: Mélissa – do Gineceu à Agorá*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2010.

MEDVIÉDEV, Pável. Nicholáievich. *O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

OLIVEIRA, Marcelo Dantas de. Canções para as salas de aula: as mulheres nos tempos da ditadura civil-militar através de Chico Buarque. In: *Revista Latino-Americana de História* Vol. 3, nº. 11, 2014. p. 244-261.

PARANHOS, Adalberto. Música popular, políticas do corpo, mulher e sexualidade em tempos de ditadura no Brasil. In: *Revista Testimonios*. V. 7, n. 7, 2018. pp. 39-49.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Clacso: 2005.

RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2017.

RAGO, Margaret. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998. p. 21-42.

RIBEIRO, Manoel. Feminismo, machismo e música popular brasileira. *Revista eletrônica do instituto de humanidades*, v. 5, n. 19, p. 73-83, 2006.

RUFINO, Janaína de Assis. *As Mulheres de Chico Buarque: análise da complexidade discursiva de canções produzidas no período da ditadura militar*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. ISSN-1678-3182. Número 45, 2018.p.75-90.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Da linguística estrutural à linguística da enunciação: um percurso histórico-ideológico. In: Wilder Kleber Fernandes de Santana. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação*. João Pessoa: Ideia, 2019.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Heterodiscursividade e axiologia no primeiro capítulo do Cântico dos Cânticos. In: BARBOSA, Maria de Fátima Mesquita. *SINALP – Simpósio Nacional de Literatura Popular*. Cultura Popular e Cosmopolitismo. Simpósio Nacional de Literatura. Anais. João Pessoa: Midia Editora, 2017b. p. 237-247.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. La travailleuse. *Histoire des femmes en Occident*, v. 4, p. 479-511, 1991.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, n. 3, p. 11-27, 1994.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. *Revista Ártemis*, v. 8, p. 110-117, 2008.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

TARINI, Ana Maria de Fátima Lemei. De vítima à ofendida: a violência sexual contra as mulheres em discursos de documentos jurídicos. In: TARINI, Ana Maria de Fátima Lemei; ORSATTO, Franciele Luzia de Oliveira (Orgs.). *Mulheres sobre mulheres: reflexões à luz da análise de discurso*. Curitiba: Editora IFPR, 2018. 198p.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].